

# Esperança radical e psicanálise em tempos de fim de mundo

Maria Luiza de Araújo Gastal,<sup>1</sup> Brasília

Resumo: Busco explorar a ideia de esperança diante da crise climática, examinando noções de esperança na psicanálise. Interrogo sobre o lugar da esperança possível em tempos de crise climática a partir de Jonathan Lear, que mostra como Plenty Coups, líder da nação Crow, guiou seu povo através da devastação cultural com uma “esperança radical” no futuro que era incapaz de conceber. Exploro relações da esperança radical com a psicanálise, diante de um cenário ambiental catastrófico, sugerindo a necessidade de abertura da psicanálise a novas culturas e conceitos, com o uso da “excelência imaginativa” descrita por Lear, para o enfrentamento da crise.

Palavras-chave: esperança radical, imaginação, elaboração, mudanças climáticas

## Esperança e psicanálise

*A alma nos parte  
Para criarmos alegria pra viver  
O que houver para vivermos  
Sem esperanças, mas sem desespero  
O futuro que tivermos  
(Lenine, “Quede água?”)*

Esperança é palavra complexa e polissêmica. Pode ser o desejo de um futuro melhor, o enfrentamento cognitivo para alcançar esse desejo, a crença de que nossas ações ou de outros podem nos levar à expectativa de que as coisas melhorarão, a confiança de que certos objetivos podem ser alcançados (Lazarus, 1990). Na psicanálise, costumamos entendê-la como a força motivadora que impulsiona a dupla a continuar a jornada analítica, apesar dos incontáveis desafios e obstáculos.

1 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

A esperança (e suas contrapartidas – desesperança e desespero) é matéria que acompanha nossas análises pessoais e as de nossos pacientes. Em certos momentos, nos vemos, no divã ou atrás dele (ou na tela, em tempos recentes), repletos de esperança, para, em outros, sermos tomados de um sentimento de impotência que nos interroga e assombra. Mehler e Argentieri (1990) assinalam que uma das tarefas naturais do analista é construir uma aliança com as forças vitais da esperança de seus pacientes, como expressão de confiança em suas ferramentas analíticas.

Ao tratar da esperança em psicanálise, Buechler (1995) afirma que ela pode ser entendida como expectativa, dos pacientes ou dos analistas, de que mudanças positivas serão alcançadas por meio da análise. Mas ele nos lembra que esperança é mais do que simples expectativa: também é uma emoção com impacto profundo no processo psicanalítico, fornecendo motivação, apoio e incentivo e ajudando os participantes a superar o medo, a ansiedade e a resistência, levando-os a seguir em frente, apesar dos desafios, assumindo riscos e explorando novas possibilidades. Pode até inspirá-los a ser mais compassivos e compreensivos consigo mesmos e com os outros.

Efetivamente, atravessamos uma análise sem saber o lugar aonde sairemos, mesmo entrando nela com certas expectativas. A outra margem do rio é sempre desconhecida.

## Freud e a esperança

*Cada geração se sente, sem dúvida, condenada a reformar o mundo. No entanto, a minha sabe que não o reformará. Mas a sua tarefa é talvez ainda maior. Ela consiste em impedir que o mundo se desfaça.*  
(Albert Camus, discurso proferido para o recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 10/12/1957)

Freud oscilou, ao longo da vida, entre a esperança e a desesperança, mantendo ceticismo sobre o destino da humanidade. Em 1914, pouco depois da eclosão da Primeira Guerra Mundial, escrevia a Lou Andreas-Salomé: “Não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será novamente um lugar feliz. Ele é demasiado horrendo” (Freud & Andreas-Salomé, 1975, p. 35).

Em 1915, publicou “Considerações sobre a guerra e a morte” (1915/2010c), no qual, para Cuéllar (2022), mantinha alguma esperança,

ao aceitar o caráter temporário dos fenômenos psíquicos da guerra, como a involução das pulsões e o enfraquecimento intelectual evidenciado pela “ausência de discernimento mostrada pelos melhores intelectos, sua incorrigibilidade, inacessibilidade aos mais forçosos argumentos, sua credulidade acrítica ante as mais discutíveis afirmações” (Freud, 1915/2010c, p. 227). Mantinha, entretanto, a confiança no desenvolvimento histórico da cultura, que poderia pacificar a sociedade.

Essa esperança também parece repousar sobre elaboração do luto, quando em “A transitoriedade”, Freud afirma:

Sabemos que o luto, por mais doloroso que seja, acaba naturalmente. Tendo renunciado a tudo que perdeu, ele terá consumido também a si mesmo, e nossa libido estará novamente livre – se ainda somos jovens e vigorosos – para substituir os objetos perdidos por outros novos, possivelmente tão ou mais preciosos que aqueles. Cabe esperar que não seja diferente com as perdas desta guerra. Superado o luto, perceberemos que a nossa elevada estima dos bens culturais não sofreu com a descoberta da sua precariedade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de modo mais duradouro do que antes. (Freud, 1916/2010a, pp. 251-252)

Passados 15 anos, pouco antes de os nazistas tomarem o poder na Alemanha, Freud (1932/2010e) parecia esperar menos da cultura. Na carta a Einstein, lamentava que a lei e a moralidade estejam na base violenta e mortal da cultura. Explicava a guerra e a violência pela pulsão de morte (Freud, 1920/2010b), que leva a vida a retroceder ao estado de matéria inanimada e se manifesta no egoísmo do “ser vivo que conserva a própria vida ao destruir a vida alheia” (Freud, 1932/2010e, p. 429). Pulsão de morte que é a base também da moralidade (Freud, 1923/2010d) fundamental na cultura. Sendo ela uma introjeção e retorno da pulsão de morte “para dentro” em direção aos próprios indivíduos (Freud, 1932/2010e, p. 429), mostra o lado tanático da cultura, e do direito: “o direito é ainda violência, pronta para se voltar contra todo indivíduo que a ela se oponha ... A diferença é que não é mais a violência de um só indivíduo ... mas da comunidade” (Freud, 1932/2010e, p. 421).

Contra as pulsões de morte, continuou, entretanto, apostando em Eros. As pulsões de vida, que preservam e reúnem, permitem a construção e o desenvolvimento da cultura, sustentada por uma comunidade de interesses que

“produz vínculos afetivos entre as pessoas, sentimentos comunitários que são a base de sua autêntica força” (Freud, 1932/2010e, p. 421). Tais impulsos poderiam garantir a paz e traziam esperança ao pensamento freudiano. Apesar da pulsão de morte e da crítica da moral e do direito, Freud vislumbrava, pela via do amor, um horizonte ético-jurídico de uma “esperança utópica” (p. 424), um desenvolvimento histórico-cultural rumo à paz e a uma relativa superação da lógica da guerra, violência, castigos e pulsão de morte.

Ao final de sua coletânea de ensaios sobre a Covid, Jacqueline Rose pergunta: “Como se orientar moralmente em um mundo que deu tão errado?” (Rose, 2023, p. 107). Ela estende sua inquietação para a guerra na Ucrânia e para o clima apocalíptico de nossos tempos. Quatro anos depois da publicação da obra, vemos um número crescente de horrores, como o conflito sangrento entre Israel e o Hamas e os eventos climáticos extremos de 2023, que anunciam a chegada do futuro previsto há décadas pelos cientistas. Tudo parece sugerir que o mundo, pelo menos o dos humanos, deu muito errado. A autora dialoga com Freud, Camus e Simone Weil para compreender como eles buscaram dar algum sentido prático à crueldade e ao caos ao seu redor. Nesse diálogo, responsabiliza a todos nós pelos males do mundo, não como repreensão, mas desafio a ser enfrentado. “Somos todos responsáveis pelas mazelas do mundo em que vivemos. ... Quem somos e o que fazemos do mundo após a praga pode resultar no melhor ou no pior. Um pensamento para o que virá depois, quando haverá tanto a ser feito” (Rose, 2023, p. 33).

## A esperança e o fim do mundo

*Nossa casa está em chamas. Estou aqui para dizer, nossa casa está em chamas... Eu não quero a esperança de vocês.  
Eu não quero que vocês tenham esperança.  
Eu quero que vocês entrem em pânico.  
Quero que vocês sintam o medo que sinto todos os dias.  
E então eu quero que vocês ajam. Quero que vocês ajam como fariam em uma crise. Quero que vocês ajam como se nossa casa estivesse pegando fogo. Porque ela está.*  
(Thunberg, 2020)

Vemos que Freud buscou pensar a esperança também no plano social e conhecemos a peste da crise ambiental e climática que impomos ao planeta. Impressiona a aparente apatia da humanidade em relação a ela. “O

que posso fazer só contra isso tudo?”, “como vou abrir mão das coisas que quero consumir?” são algumas das escolhas que se apresentam para quem se propõe a pensar sobre o tema, provocando ansiedades que mobilizam mecanismos primitivos de defesa, como a denegação. Impõe-se o desafio de pensar esse cenário em termos clínicos e numa moldura histórica e social. A vida no planeta ganhará com a contribuição do marco teórico de Freud e seus herdeiros, chamados a se engajar na tarefa de pensar outros mundos possíveis. Podemos perguntar o que a psicanálise tem a dizer sobre a esperança em tempos em que ela parece derreter em ondas de calor, ameaças de morte e extinção e de fim do mundo. Literalmente.

Lee Zimmerman (2020) argumenta que o aquecimento global é um trauma coletivo que provoca efeitos psicológicos negativos, como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e luto, e, como tal, é uma ameaça existencial que afeta a todos, independentemente de localização ou classe social. De fato, inúmeros estudos indicam que aquecimento global provocou aumento da ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e luto, bem como da violência e da criminalidade (Miles-Novelo & Anderson, 2019; Abdalla et al., 2021). Para Zimmerman (2020), o discurso das mudanças climáticas, marcado por incerteza e desesperança, contribui para o trauma, levando à sensação de impotência e desamparo e exacerbando os efeitos psicológicos do aquecimento. Como pensar a crise sem perder a esperança ou entrar em desespero? Para ele, é fundamental reconhecer o trauma coletivo e fornecer apoio às pessoas afetadas com um discurso mais positivo, que enfatize a esperança e a possibilidade de mudança.

Da mesma forma que Freud, também o discurso ambientalista flutua entre a esperança e a falta dela. Há os que pensam que um discurso positivo pode não ser suficiente para mover a humanidade, e buscam incitar as pessoas à ação por um apelo ao medo e ao pânico, como tem feito Greta Thunberg. Esse tipo de discurso “apocalíptico” surgiu na década de 1960 e foi uma resposta aos dados preocupantes levantados à época e uma crítica à sociedade de consumo e seu modo de vida, bem como à proeminência da ciência e das novas formas de dominação que ela promove na sociedade. Como afirma Frederick Buell:

Retratando os humanos como se estivessem presos numa terrível corrida rumo ao fim do mundo, eles expressavam uma lógica terrível. Juntos, eles deram força de forma distinta e criativa ao sentimento de que os problemas

ambientais da época equivaliam ao apocalipse – à ruptura, ao fim do mundo e a um julgamento final sobre a humanidade. (Buell, 2010, p. 18)

Como resposta a esses alertas apocalípticos, a década de 1980 viu nascer e florescer uma cultura de negacionismo, até mesmo com participação de cientistas, que não se restringia a aspectos ambientais.<sup>2</sup> Seus ecos se fizeram ouvir na epidemia de Covid, no movimento antivacinas, e persistem em relação a elas e às mudanças climáticas, sobretudo.

A resposta da ciência ao negacionismo veio rapidamente, buscando compreender causas e efeitos das mudanças climáticas, para combater as primeiras e mitigar os últimos. A realização, em 1988, da Primeira Conferência Climatológica Mundial, com a criação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), traduzia a esperança de que a ciência seria capaz de alertar – e de transformar – os seres humanos em sua relação com o planeta. Uma esperança também apoiada na crença nos mecanismos políticos que regem a relação entre as nações e sustentam as democracias dentro delas.

A crítica a essa esperança veio, novamente, na forma de uma narrativa sombria sobre nosso mundo alterado pelo clima, segundo a qual já é demasiado tarde para evitar o colapso da civilização humana e do sistema terrestre, narrativa que Thaler (2024) chama de “ecomiserabilismo”. Segundo essa visão, não temos mais tempo para nada e não há motivos de esperança ou para acreditar que a ciência ou a política (e a diplomacia) nos salvarão. Para Thaler, os ecomiserabilistas capturam algo fundamental sobre o Antropoceno: “a gravidade da crise ecológica faz com que qualquer coisa que não seja uma visão sombria do presente e do futuro pareça frívola” (Thaler, 2024, p. 318).

De fato, os acontecimentos recentes e os dados dos cientistas climáticos sugerem que atingimos o ponto de não retorno. O clima do planeta, tal como o conhecíamos, deixou de existir, trazendo implicações graves para o que entendemos por “civilização”. Segundo o Relatório do IPCC de 2024, o aquecimento global de 1,1°C, induzido pela humanidade, desencadeou mudanças climáticas sem precedentes na história recente em todo o planeta, com aumento do nível do mar, eventos extremos e redução do gelo marinho.

2 Sobre os chamados “mercadores da dúvida”, há dois filmes excelentes: *Mercadores de receitas* (*Prescription thugs*), codirigido por Chris Bell, Josh Alexander e Greg Young, de 2015, com 1h26 de duração (documentário, disponível no YouTube), e *Obrigado por fumar* (*Thank you for smoking*), dirigido por Jason Reitman, de 2005, com 1h32 de duração (disponível na Star+)

Alguns desses impactos são tão graves, que não é mais possível nos adaptarmos a eles. Comunidades costeiras tropicais viram sistemas de recifes de corais inteiros, que mantinham seus meios de subsistência e segurança alimentar, sofrerem mortalidade generalizada. O aumento do nível do mar obrigou populações a se mudarem para terrenos mais altos, abandonando territórios associados a suas culturas. Com 2°C de aquecimento, o risco de falhas na produção de milho aumenta dramaticamente e, com ele, a ameaça da fome (Waskow & Gerholdt, 2021). Há poucos motivos para otimismo e, pode parecer, para esperança.

Thaler (2024) faz uma leitura reparativa do ecomiserabilismo, defendendo que ele permite pensar complexidades do mundo alterado pelo clima. Os ecomiserabilistas, diz, desmontam fantasias sobre a ciência e tecnologia e o ativismo dominante na política democrática, fantasias que produzem falsas esperanças excessivamente otimistas sobre o presente e o futuro de nosso mundo, resultando na manutenção de um *status quo* injusto e insustentável. Apesar do aparente desencanto, à primeira vista fatalista e derrotista, para ele esse discurso pode “ser interpretado como algo completamente distinto: um esforço para concretizar uma política afetiva para um futuro altamente assustador e incerto” (p. 318), uma aposta na esperança radical (Lear, 2006). E o que é a esperança radical?

*Esperança radical*

*Por que continua a lutar? Porque estou vivo!*

*Davi Kopenawa, depoimento à American Anthropological Association*

(Turner & Kopenawa, 1991, p. 63)

Em *Radical hope: ethics in the face of cultural devastation*, Jonathan Lear (2006), filósofo e psicanalista estadunidense, propõe o conceito de esperança radical, que teria permitido a Plenty Coups, último chefe da nação Crow, liderar seu povo em um período de completa devastação cultural. Momento que, penso, assemelha-se ao que vivemos com a crise climática – um momento de fim de mundo.

Os crows eram caçadores nômades e guerreiros, com uma cultura que envolvia feroz competição com outras tribos pelo controle do território e caça aos bisões, dos quais subsistiam. Na vida tradicional dos crows, “tudo contava como caça ou luta ou como preparação para caçar e lutar” (Lear, 2006, p. 40). Reverenciavam e celebravam a virtude da coragem, cujo paradigma era

a prática de fincar uma estaca para marcar um limite além do qual nenhuma pessoa que não fosse crow seria tolerada. Seus rituais e a ideia de uma boa vida giravam em torno da guerra, da caça e da coragem (Lear, 2006).

A forma de vida dos crows foi fortemente ameaçada por lutas com os cheyennes e sioux e, sobretudo, pela chegada dos colonos europeus, que introduziram a propriedade privada e o gado, ameaçando o nomadismo da tribo e a existência dos bisões, sobre os quais apoiavam suas cultura e subsistência. Se os crows tivessem sofrido um holocausto devastador nas mãos dos sioux, uma liderança corajosa teria resolvido (ou tentado resolver) a crise cravando uma estaca nos limites de seu território e atacando os que desrespeitassem esse limite. Mas no final do século 19, a sobrevivência dos crows estava severamente ameaçada pela colonização europeia, inimigo para o qual os conceitos que eles então possuíam não tinham nenhum valor. Reconhecendo esse perigo, Plenty Coups fez um acordo com o governo americano, que garantia uma reserva aos crows. O acordo (que foi, é claro, parcialmente descumprido pelos brancos) os proibia de guerrear e deixar a reserva para caçar bisões. Com seu povo restrito a uma reserva, impedido de caçar bisões e guerrear, como poderia Plenty Coups liderar com coragem, se lhe era proibido exercer aquilo que sua cultura entendia por coragem?

Para entender o argumento de Lear, é preciso conhecer um pouco a vida de Plenty Coups. Os crows, como os psicanalistas, acreditavam que os sonhos tinham significados que provinham de sua interpretação, no caso, daquela feita por membros mais experientes e sábios da tribo. Mas os sonhos dos mais jovens eram os mais valorizados, e aos 9 anos Plenty Coups teve um sonho considerado particularmente importante pelos mais velhos. Nele, os bisões desapareciam, substituídos por vacas e touros malhados, e os Quatro Ventos provocavam uma terrível tempestade na floresta, restando somente uma árvore, a Chikadee (da pessoa chapim), sob a qual aparecia um ancião (ele próprio, mais velho), que lhe dizia para seguir o exemplo do chapim. O chapim era um importante símbolo na cultura crow, por seu comportamento territorial e agressivo, mas o ancião menciona outra característica da ave até então não valorizada pela tribo: sua enorme capacidade de escutar, adaptar-se e aprender.

É menor na força, porém, mais forte na mente entre os da sua espécie. ... A pessoa chapim é um bom ouvinte. ... Sempre que os outros falam de seus

êxitos e fracassos, ali está a pessoa chapim ouvindo suas palavras. ... Obtém êxitos e evita fracassos ao aprender como outros tiveram êxitos ou fracassos, e sem grandes complicações para si próprio. (Linderman citado em Lear, 2007, p. 146)

Para Lear, o sonho de Plenty Coups foi um sonho de angústia de uma criança sensível (cujo avô havia previsto que se tornaria um grande líder) ao que os adultos de sua comunidade viviam naquele momento de crise. Muito se poderia falar sobre o sonho do menino (e Lear o faz), mas aqui, com Lear, enfatizo o modo pelo qual a fidelidade do chefe ao sonho salvou seu povo, e sua liderança permitiu que os crows sobrevivessem e atravessassem o fim de seu mundo. O que eles viveram não foi apenas uma crise, ou “uma ocorrência devastadora como um holocausto; foi uma ruptura no campo em que as ocorrências ocorrem” (Lear, 2006, p. 34). Plenty Coups e os crows não possuíam conceitos para compreender as mudanças em curso. Nem sequer sabiam como continuar a ser crows, quando seus valores fundamentais já não podiam lhes servir de moldura ética. “Depois disso”, diz Plenty Coups referindo-se à ida de seu povo para a reserva, “nada mais aconteceu” (Lear, 2007, p. 142). Numa cultura em que a virtude era medida pela coragem na guerra, pelo nomadismo e pela caça de búfalos, nada mais aconteceu.

Como Plenty Coups conseguiu levar os crows até o outro lado do fim do mundo, sem deprimir-se ou desistir? Ele estava convencido de que deveria seguir o conselho de Urso Amarelo, “o homem mais sábio do local”, que interpretou, à época, o sonho do menino. Plenty Coups, ao modo do chapim, precisava escutar, aprender com os erros e fracassos dos outros, adaptando-se ao novo.

Ao governar em tempos tão extremos, o líder exerceu a esperança radical com uma excelência imaginativa, aprendendo com seus antigos inimigos (por exemplo, estimulou os jovens crows a estudar em escolas dos brancos e frequentar universidades) e ajudando seu povo a avançar com um novo tipo de coragem, ainda não conceitualizada, quando as antigas formas de coragem deixaram de ser possíveis.

Gostaria de considerar a esperança tal como ela pode surgir num dos limites da existência humana. ... Plenty Coups reagiu ao colapso da sua civilização com uma esperança radical. O que torna essa esperança radical é o fato de ser dirigida para um bem futuro que transcende a capacidade atual de

compreender o que é. A esperança radical antecipa um bem para o qual aqueles que têm a esperança ainda não têm os conceitos adequados para o compreender. (Lear, 2006, p. 105)

Para o autor, a liderança de Plenty Coups foi uma resposta corajosa a mudanças radicais. Sob as novas condições, emergentes e até então desconhecidas pelos crows e seu chefe, ele liderou as pessoas por meio de um exercício notável de sabedoria prática, imaginação e esperança radical.

### Esperança radical em tempos de mudanças climáticas

*nossa ideia de tempo, nossa maneira de contá-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar –, está na base do nosso engano, na origem de nosso descolamento da vida. Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam histórias de um tempo antes do tempo ... São histórias de antes de este mundo existir e que, inclusive, aludem à sua duração. A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres são junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro.*  
(Krenak, 2020, p. 37)

O ritmo atual das mudanças climáticas parece cada vez mais significar o fim de partes importantes de nosso mundo natural e de nossa cultura. Produz mudanças profundas em nossas ideias de natureza e clima e deve afetar profundamente a forma pela qual nos relacionamos com a natureza e valorizamos e cuidamos (ou não) do mundo em que vivemos. Deve mudar nosso modo de produção e consumo de bens – o próprio conceito de “bens” pode ficar em questão. Há um mundo em extinção e, com ele, uma cultura. A catástrofe climática em curso tornará sem sentido muitos de nossos conceitos a respeito de como viver (e sobreviver) até que novos conceitos e modos de vida surjam.

Sobreviveremos às mudanças no mundo natural, que, ao modo dos Quatro Ventos, dão sinais inequívocos de sua força? Não temos como saber. Mas podemos – de fato, temos o dever ético – sustentar uma esperança radical, com coragem para enfrentar o fato de que desconhecemos o futuro catastrófico que se avizinha.

A partir da ideia de coragem – eixo da vida dos crows –, Lear sugere que pode haver “uma certa plasticidade profundamente enraizada na concepção de coragem de uma cultura” (Lear, 2006, p. 69), resultando em

maneiras pelas quais uma pessoa criada na compreensão tradicional de coragem de uma cultura pode recorrer aos seus próprios recursos internos para ampliar sua compreensão do que poderia ser a coragem. Nesse caso, começaríamos com o profundo entendimento de coragem de uma cultura; mas seria possível, de alguma forma, encontrar maneiras de reduzi-lo: encontrar maneiras de enfrentar corajosamente circunstâncias que a antiga concepção densa nunca imaginou. (Lear, 2006, p. 65)

Lear, apoiado em seu percurso como filósofo e psicanalista, busca reconstruir o que pode ter sido a deliberação de Plenty Coups como chefe, diante do fim dos modos de existência dos crows, como um líder que, não sendo mais capaz de encarar o futuro como habitualmente, precisava abrir sua imaginação para possibilidades futuras radicalmente diferentes, mas “preservando alguma integridade ao longo dessa descontinuidade” (Lear, 2006, p. 93). Tratava-se de manter o compromisso existente com o bem, por meio do compromisso com uma ideia de que algo bom, mesmo que ultrapassando sua capacidade de compreender em que consistia, surgiria.

Plenty Coups acreditava numa bondade que transcendia sua compreensão e tinha esperança de que os crows recuperariam o que é bom, por serem um povo escolhido por Deus, sobrevivendo à destruição de suas formas de vida tradicionais e voltando a florescer no futuro novo mundo, então inimaginável. Podemos acreditar na bondade do mundo fora dessa moldura religiosa? Lear acredita que sim, lembrando que é isso que faz o bebê, que ainda não dispõe de conceitos: “Esse é o protótipo arcaico da esperança radical: na infância, estamos buscando o sustento de uma fonte de bondade, embora ainda não tenhamos os conceitos necessários para entender o que estamos buscando” (Lear, 2006, p. 123).

Não se trata de esperança em uma vida transcendental, provida por um deus, mas de uma esperança apoiada na crença em uma bondade no mundo, que se manifesta na vida de cada ser humano, pela primeira vez, nos cuidados parentais, e que existe também no planeta que nos acolhe e nutre – este que atacamos. Trata-se de uma fé laica, fundamental, originária, que pode ser capaz de nos unir quando a tempestade se aproxima. Uma fé

construída a partir do que a mãe faz ao apresentar o mundo externo ao bebê, ao mesmo tempo em que lhe permite a ilusão de que é ele que cria o mundo (Winnicott, 1990), possibilitando a constituição de um objeto interno que é reflexo do ambiente que, no início da vida, não o desamparou.

A esperança radical é “basicamente a esperança de renascimento: de voltar à vida em uma forma que ainda não é inteligível”, e reconhecer que a bondade do mundo supera a capacidade de uma cultura de capturar essa bondade (Lear, 2006, p. 95). É contra o desespero, mesmo justificado.

Num momento de mudança histórica radical, o próprio conceito de coragem exigirá novas formas. Esta é a realidade que precisa ser enfrentada – a chamada para conceitos –, e, se alguém deseja enfrentar bem tal desafio, precisa fazê-lo de forma imaginativa, com uma “excelência imaginativa”. (Lear, 2006, p. 118)

É a esperança que exercemos, como analistas e analisandos, ao persistir numa empreitada que inclui crises, catástrofes e renascimentos em mundos internos até então desconhecidos.

A crise climática nos exige uma excelência imaginativa para conceber novos padrões culturais, formas humanas de vida que nos permitam viver bem num planeta muito diferente deste em que os seres humanos evoluíram e ao qual a vida na Terra está hoje adaptada. Não se trata de buscar arranjos para sobreviver à crise, já que não temos mais tempo para isso. Ademais, foi nosso modo de vida que nos levou à tragédia. Se sobrevivermos a ela, precisaremos aprender a viver de outra forma.

A esperança radical é um modo de responder a esse apelo por conceitos, um produto de excelência imaginativa que possibilite à coragem manifestar-se quando temos uma concepção ultrapassada de viver bem.

## Psicanálise em tempos de fim de mundo

*Não sou esperançoso por pura teimosia,  
mas por imperativo existencial e histórico.  
... Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não  
ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Pensar que  
a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal  
ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no  
pessimismo, no fatalismo. ... O essencial ... é que ela ... precisa da*

*prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há  
esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera  
na espera pura, que vira, assim, espera vã.*  
(Freire, 2001, p. 12)

Essa esperança exigirá dos seres humanos em geral, e da psicanálise em particular, uma abertura a outras culturas, com escuta legitimamente aberta e imaginação corajosa, disposta a admitir que alguns conceitos caros a nosso mundo (e talvez a nosso campo) deixaram ou deixarão de ter sentido. Exige também o luto de um mundo que já não é mais possível. Em 1921, Plenty Coups, com 72 anos, foi convidado a ir a Washington para representar as nações indígenas numa homenagem aos soldados mortos na Primeira Guerra. Depois que o capelão concluiu suas orações, Plenty Coups, com uma presença forte e vestido com os trajes de um líder crow, depositou seu cocar de guerra e sua estaca de golpe no sarcófago. Para Lear, ele estava enterrando os símbolos de sua cultura, “marcando o fim de um modo de vida no qual o bastão e o chapéu de guerra tinham papéis essenciais” (Lear, 2006, p. 40).

“A psicanálise começa com uma mente em fuga, uma mente que não consegue medir sua própria dor”, escreve Rose (2023, p. 40). Freud reagiu e foi moldado pelo caos ao seu redor: “Ler Freud nesse cenário é observar alguém capaz das mais selvagens flutuações, abrangendo toda a gama de humores aos quais todos que conheço, afetados pela pandemia atual, sucumbiram em um momento ou outro” (Rose, 2023, p. 41), ele foi “um pensador do desastre” (p. 54). Pensar o desastre é também nossa tarefa, em tempos de destruição. Mais do que nunca é preciso “encontrar um lugar para essa nova realidade, para os aspectos mais sombrios do ser humano, que, como os girassóis de cabeça para baixo, permanecem no centro do projeto inacabado da psicanálise” (p. 60). Para Rose, tal tarefa está no cerne do projeto psicanalítico, e pensar o futuro é saber que o oposto do esquecimento não é a memória, mas a justiça: “Não pode haver luta pela justiça sem uma visão do futuro, desde que não percamos de vista o pior do passado. Todos precisamos nos tornar historiadores de nossos mundos público e privado” (Rose, 2023, p. 80).

A esperança radical exige da psicanálise excelência imaginativa,<sup>3</sup> uma capacidade de imaginar coisas que a compreensão atual não alcança, assim como a coragem de aceitar que certos conceitos já podem não mais nos ajudar a viver no mundo que deixa de existir, e que precisaremos imaginar outros. Freud criou a psicanálise imerso em seu mundo e em seu tempo, mas aberto às mudanças. Sua fé em que a ciência e a razão nos salvariam do horror da guerra e a crença no projeto iluminista da razão eram ideias que auxiliavam os europeus a viver uma boa vida. Mas, como Freud intuiu, muitos desses conceitos poderiam perder o sentido.

Num mundo que se desfaz pela crise climática, consumindo descontroladamente os frutos do planeta e ameaçando futuras gerações, são necessários novos conceitos. O patriarcado e a propriedade privada – que se acreditava terem permitido o avanço da agricultura e da cultura –, eram aspectos que Freud e seus contemporâneos consideravam inevitáveis no *têlos* da humanidade. Mas Graeber e Wengrow (2023) trazem evidências abundantes de que o curso da cultura não é linear e muito menos único e que havia um mundo muito anterior à agricultura, que não era de caçadores-coletores nômades, mas de vilas, santuários monumentais e grandes riquezas. Algumas dessas sociedades alternavam sazonalmente regimes centralizados e descentralizados, de modo semelhante aos nambiquaras (Miller, 2021), que ainda vivem no Brasil, cujos líderes exercem um poder autoritário durante os tempos de escassez da estação seca, quando os grupos vivem do forrageamento. Na estação úmida, subsistindo da agricultura, os mesmos líderes ocupam-se de atrair pessoas para construir jardins e hortas, intermediando disputas pela negociação, sem imposição autoritária. Os autores também descrevem culturas originárias norte-americanas que não possuíam uma lei apoiada na ameaça de castração e no medo, mas era respeitada por um acordo mútuo sustentado por outros pressupostos que não o medo da punição. É também o caso, por exemplo, dos bororós, que viviam no cerrado, persistindo em pequeno número no estado do Mato Grosso.<sup>4</sup>

3 Assim Lear descreve a excelência imaginativa de Plenty Coups: “... seu sonho pode ter expressado seus desejos ... – mas também respondeu à ansiedade que sua tribo compartilhava ..., ansiedade que era ... uma resposta realista ao mundo”. O sonho permitiu “... que a tribo enfrentasse seu futuro com coragem – e imaginação – em uma época em que a compreensão tradicional de coragem estava se tornando inviável” (Lear, 2006, pp. 118-119).

4 Para mais informações sobre os bororós e o status atual de sua população, ver: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo#:~:text=Atualmente%2C%20os%20Bororo%20det%C3%AAm%20seis,do%20que%20o%20territ%C3%B3rio%20tradicional>>.

Gozam esses selvagens de uma completa liberdade, submetem-se aos costumes da tribo. É singular que este povo, que não tem outras leis senão os costumes dos velhos, sem tribunais e sem penas, possa conservar-se sem cair na completa anarquia. (Colbachini, citado em Verde, 2008, p. 128)

Outras culturas sul-americanas não cultuam um deus feroz, como o judaico-cristão, mas uma mãe Terra que nutre e acolhe (Moraes, 2022). As consequências culturais dessas percepções, enormes, traduzem-se na ideia de direitos da natureza, como explica Germana Moraes (2022):

a perspectiva de mundo dos povos originários ... se coloca como realidade concreta e como utopia a serviço da mudança na relação entre humanidade e natureza. Assim, já havendo, na realidade desses povos, sentido em identificar subjetividade na natureza e nos seus componentes, é plenamente coerente que se possa exigir reconhecimento de direitos para a natureza, num processo de negociação entre ela, seus porta-vozes e o Estado e seu aparato jurídico. (Moraes, 2022, p. 417)

Como disse antes, a psicanálise tem diante de si a tarefa de “aceitar o desafio de abandonar a postura colonial e paternalista que considera outras culturas mais atrasadas e assumir uma postura de diálogo respeitoso e aprendizagem mútua” (Gastal, 2024, p. 67). Como Plenty Coups, é preciso escutar o novo, mesmo ainda não sendo capazes de compreendê-lo, e com o novo aprender, por meio da excelência imaginativa. É o que fazemos em nosso ofício e buscamos ajudar nossos pacientes a fazer:

Quando na análise vemos um analisando fechado em repetições, podemos ver por meio disso uma imaginação presa na não-liberdade. A elaboração é justamente o processo mediante o qual a imaginação do analisando se abre para novas possibilidades. Essa possibilidade de novas possibilidades consiste em encarar o futuro de forma criativa. (Lear, 2007, p. 151)

Não será fácil, para a humanidade e para a psicanálise, atravessar o fim do mundo. Valores que creditamos como universais e quase inquestionáveis vão se desfazendo. Alguns deles sustentaram a interpretação de Freud sobre o inconsciente, produzindo não somente explicações, mas também prescrições (apesar da tentativa de Freud de evitar esse caminho) sobre o

bem viver. Mas nossa crença na existência do inconsciente, pilar da psicanálise, não exige uma fé cega nas explicações sobre seu funcionamento. Aliás, Freud nos ensinou, por meio de sua vida, a seguir procurando, elaborando, reinventando a psicanálise. Não sabemos o que virá, mas o reconhecimento de que outras culturas encontraram caminhos diferentes dos nossos alimenta a esperança radical de que, mesmo sem conhecer onde ou como, o mundo nos reserva algum lugar e sobre o qual criaremos os conceitos para descrevê-lo.

A crença na justiça e a ideia de uma bondade do mundo que nos alimenta em nossa infância também nos ajudarão a não sucumbir à fúria dos Quatro Ventos. Para nossa sorte, a humanidade é diversa, o que pode nos ajudar a atravessar tempos tão difíceis, e permitir que os seres humanos e as espécies que compartilham conosco o planeta tenhamos uma nova existência, num futuro que não podemos imaginar, mas no qual podemos acreditar, com nossa esperança radical.

#### **Esperanza radical y psicoanálisis en tiempos del fin del mundo**

Resumen: Intento explorar la idea de esperanza ante la crisis climática examinando las nociones de esperanza en el psicoanálisis. Interrogo el lugar de la esperanza posible en tiempos de crisis climática a través de Jonathan Lear, quien muestra cómo Plenty Coups, líder de la nación Crow, guió a su pueblo a través de la devastación cultural con una “esperanza radical” en el futuro que era incapaz de concebir. Exploro la relación entre esperanza radical y psicoanálisis ante el catastrófico escenario medioambiental, sugiriendo la necesidad de que el psicoanálisis se abra a nuevas culturas y conceptos, utilizando la “excelencia imaginativa” descrita por Lear para afrontar la crisis.

Palabras clave: esperanza radical, imaginación, elaboración, cambio climático

#### **Radical hope and psychoanalysis at the end of the world**

Abstract: I seek to explore the idea of hope in the face of the climate crisis by examining notions of hope in psychoanalysis. I interrogate the place of possible hope in times of climate crisis through Jonathan Lear, who shows how Plenty Coups, leader of the Crow Nation, guided his people through cultural devastation with a “radical hope” in a future they were incapable of conceiving. I explore the relationship between radical hope and psychoanalysis in the face of the catastrophic environmental scenario, suggesting the need

for psychoanalysis to open up to new cultures and concepts, using the “imaginative excellence” described by Lear, in order to confront the crisis.

Keywords: radical hope, imagination, elaboration, climate change

### **Espoir radical et psychanalyse à l'heure de la fin du monde**

Résumé : Je cherche à explorer l'idée d'espoir face à la crise climatique en examinant les notions d'espoir dans la psychanalyse. J'interroge la place de l'espoir possible en temps de crise climatique à travers Jonathan Lear, qui montre comment Plenty Coups, chef de la nation Crow, a guidé son peuple à travers la dévastation culturelle grâce à un “espoir radical” dans l'avenir qu'il était incapable de concevoir. J'explore la relation entre l'espoir radical et la psychanalyse face au scénario environnemental catastrophique, suggérant la nécessité pour la psychanalyse de s'ouvrir à de nouvelles cultures et de nouveaux concepts, en utilisant “l'excellence imaginative” décrite par Lear pour faire face à la crise.

Mots-clés : espoir radical, imagination, élaboration, changement climatique

### **Referências**

- Abdalla, S. M., El-Sayed, A. M. & Galea, S. (2021). Climate Change Effect on Mental Health. In K. Knowlton, C. Sorensen & J. Lemery (Eds.), *Global climate change and human health: from science to practice* (pp. 187-201). John Wiley & Sons.
- Buechler, S. (1995). Hope as inspiration in psychoanalysis. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(1), 61-74.
- Buell, F. (2010). A short history of environmental apocalypse. In S. Skrimshire (Ed.), *Future ethics: climate change and apocalyptic imagination* (pp. 13-36). Continuum.
- Cuéllar, P. (2022). Freud on war and violence: from disillusionment to hope, back and forth. *Psychotherapy and Politics International*, 20(4), 1-9.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1992)
- Freud, S. & Andreas-Salomé, L. (1975). *Correspondência completa*. (D. Flacksman, Trad.). Imago
- Freud, S. (2010a). A transitoriedade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 247-252). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 108-121). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010c). Considerações sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 209-247). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010d). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

- Freud, S. (2010e). Por que a guerra? (Carta a Einstein). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 417-435). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)
- Gastal, M. L. (2023). Muitas humanidades. *Berggasse 19*, 13(1), 59-69.
- Graeber, D. & Wengrow, D. (2022). *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade* (D. Bottmann & C. Marcondes, Trans.). Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Lazarus, R.S. (1990). Hope: An emotion and a vital coping resource against despair. *Social Research*, 66(2), 653-678.
- Lear, J. (2006). *Radical hope: ethics in the face of cultural devastation*. Harvard University Press [Ed. Kindle].
- Lear, J. (2007). Elaborar o fim de uma civilização. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 137-153.
- Mehler, J. A. & Argentieri, S. (1990). Esperanza y desesperanza, ¿un problema técnico? *Libro Anual de Psicoanálisis*, 167-176.
- Miles-Novelo, A. & Anderson, C. A. (2019). Climate change and psychology: effects of rapid global warming on violence and aggression. *Current Climate Change Reports*, 5(1), 36-46.
- Miller, J. (2021). Povo: nambikwaras [verbete]. *Povos Indígenas no Brasil – Instituto Socioambiental (ISA)* [site]. <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara>>
- Moraes, G. O. (2022). Pachamama e os direitos da natureza. In R. C. Freitas, *Decolonização de conceitos jurídicos*. Mucuripe.
- Rose, J. (2023). *The plague. Living death in our times*. Fitzcarraldo [Ed. Kindle].
- Thaler, M. (2004). Eco-miserabilism and radical hope: on the utopian vision of post-apocalyptic environmentalism. *American Political Science Review*, 118(1), 318-331.
- Thunberg, G. (2020). “Greta Thunberg e seu movimento Fridays for Future lançam vídeo impactante sobre crise climática: ‘Nossa casa está em chamas’”. Instituto Humanitas Unisinos/Adital [site], 1 mai. <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/598539-greta-thunberg-e-seu-movimento-fridays-for-future-lancam-video-impactante-sobre-crise-climatica-nossa-casa-esta-em-chamas>>
- Turner, T & Kopenawa, D. (1991). “I fight because I am alive”: an interview with Davi Kopenawa Yanomami. *Cultural Survival Quarterly*, 91, 59-64.
- Verde, F. (2008). *O homem livre. Mito, moral e carácter numa sociedade ameríndia*. Angelus Novus.
- Waskow, D. & Gerholdt, R. (2021). “Mudanças climáticas: veja 5 grandes resultados do relatório do ipcc”. wri Brasil [site], 9 ago. <<https://www.wribrasil.org.br/noticias/10-conclusoes-do-relatorio-do-ipcc-sobre-mudancas-climaticas-de-2023>>
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, Trad.). Imago.
- Zimmerman, L. (2020). *Trauma and the discourse of climate change. Literature, psychoanalysis, and denial*. Routledge.

Maria Luiza de Araújo Gastal

malugastal@gmail.com

Recebido em: 26/2/2024

Aceito em: 25/3/2024